

A história através da moda: reflexos da mudança do tempo em São Luís na década de 1920

Jéssica Mayara Santos Sampaio*

Resumo

Este trabalho apresenta a questão da moda e da aparência em relação às transformações da sociedade e das representações de gênero em São Luís em 1920. Busca-se analisar a remodelação de costumes e hábitos da sociedade que estabelecia um novo ritmo de vida, em busca do progresso e da civilidade, expressos principalmente nas novas indumentárias, etiquetas e comportamentos de homens e mulheres. A análise se pauta na compreensão dos elementos da distinção social, indumentárias e diferenças entre os sexos, mostrando como a moda se relaciona com o contexto urbano e social. Objetiva-se apresentar a análise de modos e modas como um acesso à história de uma sociedade, que possibilita compreender os diversos aspectos do período abordado, bem como as transformações e tradições que causaram impacto no cenário local.

Palavras-chave: História. Moda. São Luís.

Abstract

This paper presents the question of fashion and appearance in relation to the transformations of society and gender representations in São Luís in 1920. It seeks to analyze the remodeling of customs and habits of society that established a new rhythm of life in search of the Progress and civility, expressed mainly in the new clothing, labels and behaviors of men and women. The analysis is based on the understanding of the elements of social distinction, dress and differences between the sexes, showing how fashion relates to the urban and social context. It aims to present the analysis of modes and fashions as an access to the history of a society, which makes it possible to understand the various aspects of the period covered, as well as the transformations and traditions that have impacted the local scenario.

Keywords: History. Fashion. São Luís.

A moda pode ser considerada um reflexo da mudança do tempo em que está inserida, diz respeito ao modo de pensar, escrever, distinção social e padrões de comportamento.

A moda conquistou todas as esferas da vida social, influenciando comportamentos, gostos, ideias, artes, móveis, roupas, objetos, e linguagem. Em outras palavras, desde que ela surgiu no Ocidente, no final de Idade Média, não tem um conteúdo específico (CALANCA, 2011, p. 13).

* Universidade Estadual do Maranhão. Aluna do Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas – PPGHEN/UEMA.

As vestimentas e adornos traduziam a influência da economia no comportamento moral, social e na elegância. Tornou-se importante considerar a aparência um referencial de mudança social, visto que, “a roupa foi modelada por um discurso indicado por um sentimento de vir a ser, configurado pelas expectativas e desejos da sociedade” (BONADIO; MATTOS, 2011, p. 18).

Os hábitos e costumes são modificados para formar novas relações sociais, caracterizando as diferenças entre o público e o privado, indicando posição social, que tem um papel fundamental nas relações de organização da estrutura da sociedade.

Gilberto Freyre (2009, p. 29) define moda como “expressão ou como um complemento de beleza e elegância, de físico, de característico antropológico, de personalidade”. Desse ponto de vista, “a moda fundada historicamente no valor e na reivindicação da individualidade, na legitimidade da singularidade” (LIPOVETSKY, 2009, p. 53) se tornou um meio de expressão e visibilidade.

A moda, com a mudança regular do vestuário, vem a ser, portanto, uma composição social preponderante com a burguesia e a dinâmica de ostentação de riquezas que ela cria, afim de manter viva sua presença diante da aristocracia. O princípio da moda é a ostentação (GODART, 2010, p. 23).

A ostentação a qual se refere Frederic Godart está relacionada com o status social e econômico indicado pela utilização de vestimentas, o nível de envolvimento político, acessórios de luxo, entre outros. Deste modo, os indivíduos carregam objetos que facilitam a diferenciação de outras camadas da sociedade para garantir a sua inclusão no âmbito social.

A moda também tem seu papel nesse jogo: desde a escolha dos trajes até a maneira de usá-los, combiná-los, de realça-los e de mostrar-se através dele, toda arte do parecer desenvolve-se e os detalhes distintivos ganham enorme importância (SCHPUN, 1999, p. 126).

A ascensão da moda, acompanhada do desenvolvimento das cidades, reorganizou a sociedade. Fora do Brasil, os centros de difusão de moda - França, Estados Unidos e Inglaterra, influenciaram o modo de vestir, o comportamento e os hábitos de cidades brasileiras, que consideravam estes como um reflexo do futuro.

Monica Schpun (1999, p. 127), afirma que “nos anos 20, estar na moda ainda significa seguir tendências francesas”. De tal modo que, as mulheres de classes economicamente favorecidas importavam ou iam à Europa comprar suas vestimentas. Enquanto os Estados Unidos influenciava devido ao elo com a modernidade, a liberdade e o progresso.

Durante todo esse imenso período, o domínio da aparência ocupou um lugar preponderante na história da moda; se ele não traduz, à evidência, toda a estranheza do mundo das futilidades e da superficialidade, ao menos é sua melhor via de acesso, porque a mais bem conhecida, a mais descrita, a mais representada, a mais comentada (LIPOVETSKY, 2009, p. 25).

A moda altera os hábitos, as vestimentas, as tradições e desenvolve o prazer de ver e o desejo de ser visto; observar os tecidos, cortes, enfeites e os acessórios. O estilo de vida Europeu influenciou cidades como o Rio de Janeiro, por exemplo, em razão do desejo dos indivíduos de “assemelharam-se àqueles que são considerados superiores, aqueles que brilham pelo prestígio e pela posição” (LIPOVETSKY, 2009, p. 43).

A opção por escolher diferentes trajes era um aspecto determinado por pessoas de classes com maior poder econômico. De modo que resultasse em um maior distanciamento de classes com menos riquezas, tendo em vista a qualidade e a produção das vestimentas, adereços e outros itens.

No entanto, as classes menos favorecidas economicamente também seguiam a moda, porém, com produtos de menor qualidade e valores inferiores ao que era utilizado por outras classes, tentando reproduzir o comportamento, hábitos e vestimentas dos “aparentemente” mais ricos. Lipovetsky (2009, p.59) defende a ideia que as “classes inferiores, em busca de respeitabilidade social, imitam as maneiras de ser e de parecer das classes superiores.”

Em 1920, estar na moda é adequar-se aos novos hábitos de influência, principalmente, francesa, que se instalaram nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo e depois chegaram à cidade de São Luís, que não se encontrava no mesmo ritmo de modernização.

Silva (2011, p. 29) entende que, com o crescimento das cidades e o surgimento do modo de viver urbano que se fixou no início do século XX, “homens e mulheres tiveram que adaptar-se a vida na cidade.”

A urbanização e a modernidade criaram um novo ambiente na cidade para a sociedade. Em São Luís, houve um considerado desenvolvimento demográfico, porém a infraestrutura caminhava em um ritmo diferente, porque faltou maior investimento e atenção para itens como transportes, calçamento de ruas, água, esgoto, energia elétrica e etc.

O Maranhão também seguiu a estrada em direção ao progresso, porém, não com a mesma velocidade que outras capitais brasileiras. São Luís, capital do Estado, no que concerne a serviços públicos e à higiene e/ou ao saneamento da cidade, teve pouco investimento (...) Em contrapartida, os espaços de lazer eram mantidos e melhorados, diante das reclamações dos que tratavam de reivindicar o fim da monotonia da cidade (ABRANTES; SANTOS, 2012, p.68).

Esse momento de transição de cenários urbanos, costumes e valores, revela as transformações que vão desde a preocupação com a beleza e saúde até a circulação de mulheres na ruas, devido ao desenvolvimento de locais de interação social, cinemas, cafés, praças, bailes.

Segundo Schpun (1999, p.21), “os papéis das mulheres e dos homens na sociedade e na família estão sujeitos, ao mesmo tempo, ao respeito das tradições”, para garantir as prerrogativas de classe, e às novas exigências de uma sociedade moderna.

A manutenção da beleza das mulheres se tornou um importante ponto de atenção, pois elas eram vistas com maior frequência nas ruas, logo passaram a preparar o corpo e as vestimentas para as aparições em público. A apresentação da imagem feminina nas ruas também indicava a sua posição social, e para isso era relevante investir na boa aparência.

A manutenção da beleza torna-se tema privilegiado dos discursos normativos dirigidos às mulheres, discursos que não se limitam a incitar o trabalho sobre a beleza, mas que procuram ao mesmo tempo limitar-lhes os excessos, desvelando a expressiva adesão das mulheres à moda, à maquiagem, aos meios de sedução (SCHPUN, 1999, p. 23).

A moda também é um “instrumento” de rivalidade entre classes. As classes mais favorecidas economicamente estão em busca da mudança e novidade, com a finalidade de esbanjar, identificar a posição social. O sentimento de pertencimento está relacionado com a aparência, o ter e o ser, o investimento para aparecer nas ruas ou em reuniões é exorbitante, pois além de manter, revigora as relações políticas, econômicas e sociais.

O escritor Nascimento (2014, p. 41-42), fala da nova característica da moda no século XX, sua velocidade de transformação e renovação.

A moda, se moda pode chamar-se à lenta marcha evolutiva do feitio da roupa, do formato do chapéu, do talhe da barba e do cabelo, da forma do sapato, mais concomitantemente ao sabor das modificações que o tempo imprime nas opiniões e nos costumes, do que pela influência inventiva das costureiras, dos alfaiates, dos chapeleiros e dos cabeleireiros [...] a moda tinha longa vida antes que sofresse qualquer mudança radical.

No século XIX as modas de homens estavam no âmbito público e as de mulher referiam-se ao âmbito privado, raramente ao público. Os homens eram responsáveis pela representação da família nos ambientes de negócio e em relações políticas, enquanto as mulheres só circulavam fora de casa em momentos de festa, reuniões, etc., sempre acompanhadas do marido ou família.

A educação feminina no final do século XIX inseriu prendas sociais, necessitando do conhecimento de tocar piano, declamar poesias, falar inglês ou francês e também eram instruídas para as atividades do lar, por isso tinham aulas de corte, costura e culinária, mostrando o quão forte era a instrução para seu único destino, o casamento. Antes deste, a tutela da mulher era do pai, e após o matrimônio, passava para o marido. Percebe-se que a mulher era colocada em uma posição inferior por ser considerada incapaz de se sustentar na sociedade e de seguir outro destino, que não fosse o casamento, a maternidade e a devoção para com os filhos, o marido e o lar, pois “considerada ser passivo por natureza(...)deveria se manter sob a proteção e dominação de um homem” (SANT’ANNA In. SOARES, 2006, p.14).

Desta forma, as mulheres passavam maior tempo dentro de seus lares e não tinham muita, ou nenhuma, preocupação com a aparência durante o dia a dia de tarefas domésticas.

Segundo Ximenes (2011, p. 40),

A domesticidade é algo que se instaura no modelo familiar burguês. A mulher deveria ter dotes e préstimos para também contrair um bom casamento, saber administrar bem o lar e vir de um berço que demonstrasse ter adquirido ensinamentos da prática em família, pois isso também significava ser bem nascida. Bordar em bastidor, tocar piano, cantar em apresentações de saraus familiares, ser paciente com os pequenos, para garantir que será boa mãe, deveriam ser verificados como predicados para se alcançar o bom marido.

Além disso, as roupas cobriam a maior parte do corpo, possuíam muitas camadas de tecidos. Em São Luís, essas roupas não combinavam com o clima da cidade, no entanto, era a representação perfeita da moda sofisticada e moderna da França. Assim, mesmo com clima tão diferente porque não usar?!

Até o final do século XIX, os lugares de sociabilidade eram restritos e pouco frequentados por mulheres. Todavia, ao fazer aparições em público, estas tinham o objetivo de propagar o bom gosto e o requinte. Desse modo, faziam a utilização de itens que moldassem sua vaidade, através de adereços como luvas, chapéus, meias, sapatos e as vestimentas cobriam pescoço, braços e pernas. À roupa era transmitido o mais secreto anseio “em sua frágil e submissa atitude: dentro do próprio espaço privado, a mulher se preparava para o olhar dos outros, ali se configurava a apresentação em função das imagens sociais do corpo” (XIMENES, 2011, p. 47).

O início do século XX foi marcado por mudanças, novos valores, costumes, a modernização e o progresso. As mudanças ocorreram lentamente, aos poucos também foram surgindo novas opções de lazer. As mulheres começaram a ter mais circulação pela cidade, ainda que sem a mesma liberdade e experiências dos homens. Assim, “este é o reflexo de uma das características centrais da moda, o fato de se modificar com o tempo” (FOGG, 2013, p. 6).

A mulher estava submetida constantemente à críticas, seu corpo estava reduzido à aparência e admiração. Os jornais dos centros urbanos, veiculavam artigos para evitar a ruptura dos costumes e os excessos das mulheres com os novos artifícios, de modo que nesse momento as mulheres se voltassem para uma função, “rainha do lar”, embora já estivessem se concentrando na própria aparência e potencializando ao máximo a sua capacidade de sedução sobre o homem, “para atingir o único objetivo que a sociedade lhe permitia: a conquista de um marido” (CALANCA, 2011, p. 97).

Um novo ritmo de vida se instalou na sociedade, o lazer e o comércio estavam caminhando a passos largos. A mulher que prezava pela beleza espiritual, agora se afirmava nas novidades da moda, influenciando mudanças no corpo, nas vestimentas e no comportamento.

As saias sobem, muito além dos limites traçados as de 1810 e 1830; os decotes descem, mais do que poderia permitir a simples e honesta decência; suprimem-se as mangas, e até mesmo, nos vestidos de baile, as sumárias alças que, à guisa de suspensórios, passando por cima dos ombros, sustentariam o corpete. E nada protege os braços, totalmente nus (NASCIMENTO, 2014, p. 147).

No século XIX, as mulheres passavam mais tempo dentro de seus lares e quase não tomavam sol, o que as deixava com a pele sem cor e refletia em um ideal de tez clara, sem rastros do sol. Além disso, o modelo ideal de corpo era o arredondado, as mulheres eram gordas e corpulentas, “o que era considerado um desmazelo das moças à severidade com que eram tratadas pelos pais e maridos, sendo mantidas muito segregadas da vida social” (DEL PRIORE, 2000, p. 56).

Com o desenvolvimento do espaço urbano, homens e mulheres circulavam para se divertir e consumir, atendendo a novas exigências de comportamento e padrões de beleza. No início do século XX, o corpo feminino segue para um novo padrão, esbelto e magro, pois à mulher era mostrado que já não se precisava de seios e ancas enormes para seduzir ou chamar atenção do homem, bastava ser magra e usar roupas que mostrassem a silhueta. O vestido perdeu as mangas, subiu, mostrou as pernas e a moda, com a rapidez do novo tempo, influenciaram essa mudança.

O novo padrão de beleza indicou que a manutenção de corpos voluptuosos era prejudicial à saúde, envelhecia e diminuía a elegância da mulher por não mostrar o novo ideal, um corpo magro e, sobretudo, sadio. A gordura opunha-se aos novos tempos que exigiam corpos ágeis e rápidos. A magreza tinha mesmo algo de libertário, p. “leves, as mulheres moviam-se mais e mais rapidamente, cobriam-se menos com vestidos mais curtos e estreitos, estavam nas ruas” (DEL PRIORE, 2000, p. 75).

Figura 1 – A Moda da Mulher Elegante



Fonte, p. A PACOTILHA- Suplemento Semanal

Ilustrado - 17 a 26 de outubro de 1926.

Figura 2 – A Vestimenta Feminina



Fonte, p. A PACOTILHA- Suplemento

Semanal Ilustrado – 17 a 26 de outubro de 1926

As imagens (Figura 1 e 2) são de uma coluna intitulada “A moda da mulher elegante” do jornal *A Pacotilha*, que circulava em São Luís, de 1926, que traz o modelo ideal de beleza através da magreza feminina e também, através das roupas mais curtas e mais leves. Para Nascimento (2014, p. 148) “esse era o reinado de uma moda que colocava tudo à mostra”. Para os homens a alteração no vestuário não tomou proporções tão grandes quanto às modas de mulheres. Os tecidos foram adaptados para o clima da cidade, mas a vaidade destes não mudou com a chegada da modernidade, o interesse com a aparência continuou em segundo plano, já que era considerado um aspecto fútil.

Para definir sua posição social, o homem não deveria utilizar como artifício apenas as vestimentas, pois o principal alicerce na construção do status social masculino era o trabalho, a política ou alguma riqueza de família. Diferentemente das mulheres, que só alcançavam status através do casamento.

[...] a beleza é um privilégio que pertence às mulheres, mas apesar disso, elas são desprovidas de raciocínio, tem uma faculdade intelectual inferior. Não podem pertencer à dimensão da genialidade devido a um princípio psicológico perfeitamente “natural”: a mulher é o ser da paixão, da imaginação e não o ser do conceito (CALANCA, 2011, p.97).

A modernidade representou a novidade do progresso e uma possível ruptura com a tradição, relações sociais e estilo de vida. Lipovetsky (2009, p. 32) afirma que a partir desse momento “as mudanças vão precipitar-se; as variações do parecer serão mais frequentes, mais extravagantes, mais arbitrarias; um ritmo desconhecido até então”, ou seja, a mudança tornou-se uma característica da modernidade e, além disso, despertou o fascínio pela distinção social e pela (re)construção da tradição e comportamentos.

No jornal *A Pacotilha*, na coluna “O que a mulher ouviu”, existem comentários acerca da mulher vindos de “um nonagenário, um professor de moral, um poeta antigo, um sacerdote e da serpente”, mostrando as transformações que envolviam as mulheres, mas que mesmo assim não perdiam o encanto. Esses discursos são maneiras de apresentar críticas ao comportamento feminino, de demonstrar preocupação com as mudanças nos hábitos e condutas sociais das mulheres, mais soltas em seus corpos e atitudes. Para o nonagenário, a mulher não para em casa, “a mulher é muito andeja, onde menos a encontramos é no lar”, (grafia original mantida) pois agora a mulher está presente nos passeios, cinemas, chás, entre outros atrativos. Assim como o primeiro, o professor de moral adverte: “Estão dispartidos em fragmentos irreconhecíveis os princípios da moral, porque tudo é vaidade, tudo é afecção, tudo é luxo, tudo é sensualidade!” (*A Pacotilha*, 26/10/1926).

O corpo feminino é a vitrine da roupa. As mulheres começaram a utilizar artifícios para cuidar do corpo, beleza e aparência. Embora a modernidade tenha trazido consigo um novo ritmo de vida, as transformações ainda eram recebidas com estranheza, pois ao mesmo tempo que a mulher desejava progresso e modernidade, podia representar também um afronta à imagem tradicional construída. Por isso, na fala do sacerdote há uma condenação ao culto da aparência: “as mulheres enfeitizadas, desnudam-se (...) a mulher só se preocupa com a beleza material”. Já a serpente apontava o riso como o principal motivo do pecado, pois, “quando sermoneiam os ministros do céu e deblateram os moralistas da terra, tu te limitas a sorrir (...) pois teu sorriso é eterno como a vida, é a mesma essência aromática do pecado”. O sorriso é apontado como encanto feminino por demonstrar graça angelical e ao mesmo tempo como arma de sedução, a mesma que teria sido utilizada por Eva no pecado original.

A mutabilidade da moda se impôs como um fato evidente à consciência dos cronistas; a instabilidade e a estranheza das aparências tornaram-se objetos de

questionamento, de espanto, de fascínio, ao mesmo tempo que alvos repetidos da condenação moral (LIPOVETSKY, 2009, p. 33).

A novidade para as mulheres era expor o corpo para ser admirado. Se no século XIX o importante era saber cozinhar, costurar, etc, no século XX mostrar o corpo, seduzir e poder escolher o pretendente traria o mesmo resultado com mais rapidez e eficiência, o casamento.

No entanto, a moda vendida em diversos estabelecimentos da cidade colocava em evidência o discurso contrário às mudanças de comportamento, preocupado com a desvirtuação da mulher do seu papel de mãe, esposa e responsável pela organização do lar. Apesar de tantas advertências, a mulher tentava ser ou fazer-se bela. “Se a Igreja não lhe permitia tal investimento, a cultura lhe incentivava a forjar os meios para transformar-se” (DEL PRIORE, 2000, p. 29).

No jornal *Diário de São Luíz* (disponível no Arquivo Público do Estado do Maranhão, dos anos de 1920 a 1951), uma coluna de título “Uma opinião agradável às damas”, apresenta a opinião de um certo Dr. Copeland, p. “commissario do serviço de hygiene em Nova York” que se diz amigo das modas femininas. Entende que não há razão alguma para “desaconselhar às senhoras, nem as meias de seda fina, como teias de aranha, nem os saltos altíssimos, nem os espartilhos. Se as senhoras querem usar meias de sêda e sapatos de tacões altos, deixem-as em paz” (*Diário de São Luíz*, 21/10/1920).

Vale ressaltar que o trecho citado refere-se aos novos trajés e adereços adotados pelas mulheres nesse momento de transformações; o que se torna significativo, pois as informações sobre moda ganharam destaque com maior frequência em anúncios, colunas e artigos nos jornais que circulavam na cidade. A vestimenta é percebida como integrante de um componente social, já que através dela era possível fazer referência ao espaço econômico e político ocupado pelo indivíduo na sociedade, e ainda às tendências adquiridas do exterior.

Mesmo com as transformações urbanas e de beleza, a tradição sobre o papel social feminino permanece forte. No entanto, a moda se tornava o instrumento ideal para fazer ser notado e buscar a felicidade. De acordo com Calanca (2011, p. 63), a moda testemunha a “loucura do nosso espírito”, sua inconstância contamina todo o universo e ameaça os próprios fundamentos da religião. Por isso, logo são denunciados os efeitos ilusórios, artificiosos e

antinaturais da mudança das aparências, da corrupção dos costumes, de modo que a escolha mais viável para os críticos da época seria renunciar a moda e se organizar em torno das regras e comportamentos religiosos.

Ainda que a mulher estivesse inserida no mundo da beleza, vestimentas e aparências, sua vida social ainda era destinada ao casamento. Novos artifícios utilizados pelas mulheres tinham como objetivo, despertar interesse, a conquista de um homem para se tornar seu marido e/ou a busca pela individualidade e permanência.

A mulher foi considerada sem capacidade intelectual e incapaz de entender o mundo além do que vivenciava em seu lar e só poderia ter um resultado, viver sob a tutela masculina. Para o casamento, elas esbanjavam beleza e elegância para alcançar, também, posição social. Mesmo com as transformações urbanas e de beleza, a tradição sobre o papel social feminino permanece forte. A maior preocupação acerca das mudanças provocadas pela modernidade era o desafio à imagem tradicional feminina; símbolo de mulher ideal, que possuía elegância, a mais fiel representação da pureza, que não perdia a ligação com o instinto materno e o lar.

Há mulheres que, ao seguirem essas audácias, tendem a segui-las com exageros. Imoderadamente. O que tem comprometido modas saudáveis. Moderações só de caráter ético ou moral tem triunfado sobre excessos de inovações tidos por demasiadamente afoitos. Meios- termos têm, mais de uma vez, triunfado sobre um e o outro extremos, p. o exibicionista e o moralista. O libertário e o puritano. Nos protestos a excessos libertários tem, por vezes, atuado na defesa da chamada “mulher de família” contra o risco de poder ser confundida, pela ostentação de decote afoito e de outros extremos, com a chamada “mulher da vida fácil”, na verdade inclinada a exibicionismos de partes atraentes de sua figura feminina (FREYRE, 2009, p.51).

Nas primeiras décadas do século XX, o comportamento das mulheres causava incomodo devido à atenção e maior importância dada a questões como beleza, vestimentas e etiqueta, enquanto suas atividades no lar e para com o marido pareciam estar em segundo plano, sendo executadas sem a mesma devoção e primor, já que as mulheres estavam dedicando tempo ao conhecimento dos novos hábitos.

A utilização dos vestidos curtos revelou maior atenção à aparência, à preocupação com vestimentas, produtos cosméticos e o aproveitamento do tempo presente. As mulheres poderiam ser modernas, porém não poderiam utilizar artifícios que colocassem em dúvida a sua

moral. Dessa forma, a exposição do corpo aparece sempre acompanhada de medidas moralizadoras, para reforçar à mulher que o seu lugar não é fora do lar.

Em uma coluna do jornal *Diário de São Luíz* intitulada “A Mulher”, encontra-se a nova representação do modelo feminino, que critica os excessos da moda e chamava atenção para um outro tipo de beleza, ligado ao adorno do espírito, da instrução:

Pouco a pouco a mulher vae ocupando logar em destaque na vida social. Não queremos referir-nos a esse destaque do luxo e da opulência, do perfume e da graça. **A distinção agora é outra. E’ a do espírito, acção, e da energia.** (...) A mulher educa-se e prepara-se. Isto quer dizer – a mulher emancipa-se. E uma vez emancipada pelo trabalho, vencerá. Com a delicadeza dos seus sentimentos, com a sua virtude seductoramente bela, conservando, se souber, seu prestígio dentro do lar, será uma força extraordinária nas sociedades civilizadas e um dos melhores auxiliares para arrancar á barbaria os povos rudes e selváticos (*Diário de São Luíz*, 22/02/1921, grifos nossos).

Desse modo, vale ressaltar a importância da inserção da mulher no ambiente social, que mesmo de maneira tímida, começou a ocupar vagas nos postos de trabalho e a circular em ambientes antes voltados somente para os homens. Outro fator que mereceu destaque na coluna foi o “prestígio dentro do lar”, embora a mulher estivesse alcançando novos horizontes, era constantemente lembrada que o lar ainda era seu foco principal, questão central para o bom desenvolvimento da função materna, que dependia de um casamento bem sucedido e do cuidado com a família.

O discurso moralista estava voltado para esse ponto. De acordo com Silva (2011, p. 40), a entrada da população feminina e de mulheres solteiras no mercado de trabalho fez com que essa preocupação com a ‘solteirice’ se agravasse, pois havia um discurso de defesa acerca da incompatibilidade entre o casamento e o trabalho.

Por mais que existissem oportunidades de estudo e trabalho para as mulheres, ainda se fazia necessário lembrar que a reputação feminina estava atrelada ao casamento, para manter os costumes sociais. O tempo disponibilizado para o trabalho significava reduzir o tempo necessário de dedicação para o lar e o casamento. Com esse discurso, as mulheres, por sua vez, “deveriam permanecer entre as paredes domésticas, que sua presença deve absolutamente embelezar para tornar feliz o chefe da casa” (CALANCA, 2011, p. 98).

Ainda no jornal *Diário de São Luís*, encontramos na coluna com o título “Moda”, uma crítica ao vai e vem dos modismos no vestuário: “Ora despe o pescoço e o collo, ora cobre-os, pudicamente. Agora suspende as saias e anáguas e deixa tudo de fora; ora desce os panos e cobre tudo. (...) A elegância é mais forte que a morte!” (*Diário de São Luís*, 23/02/1921).

A coluna reforça a ideia das transformações no vestuário feminino, elucidando o choque com a tradição devido à redução do comprimento das roupas e a quantidade de tecidos, pois “a mulher desvaloriza-se, despindo-se na praça pública, nos bailes, nas festas, perde essa feiticeira e sadia poesia do amor que é o sonho. Será melhor vestir-se. Nada como estar vestido”. No entanto, as novas modificações desenvolvem-se paralelamente aos valores morais, pois era uma forma de manter o status social e continuar fixando o casamento como base na vida da mulher, pois a matéria jornalística afirmava que “a beleza da mulher nasceu para rainha do lar, para companheira espiritual do homem, para os dias de desconforto, para as ocasiões em que a infelicidade nos bate à porta”.

Logo, a exibição do corpo feminino estava acompanhada, também, de regras, para que não houvesse maior atenção para os novos hábitos da vida moderna e as mulheres deixassem de lado suas principais funções: mãe, rainha do lar e esposa.

Esse tipo de discurso presente nas colunas de jornais, segundo Bonadio e Mattos (2011, p. 73) tinham como objetivo convencer as “mulheres de que haviam nascido para o casamento e os cuidados com a família”. Ressaltando a relevância das mulheres como guardiãs e rainhas do lar, com a intenção de afastar as mulheres dos espaços ocupados pelos homens, dos postos de trabalho e voltá-las para o espaço privado.

Em São Luís, diante da preocupação com a beleza física feminina os críticos alertavam para os cuidados com os excessos, destacando que a beleza mais importante era a do espírito. Em uma coluna no jornal *Diário de São Luís*, de 22 de fevereiro de 1921, de título “A moda”, encontra-se uma referência às danças sedutoras, acompanhada de uma crítica aos comportamentos femininos considerados inadequados na arte da conquista.

Mas a moda vai além. Exige por exemplo que as moças soltem os quadris nos bailes! É preciso dançar fazendo com eles um movimento quase igual ao da terra em redor do eixo! (...) Poderá a mulher quebrar-se e requebrar-se! Poderá mostrar um palmo de collo e dois de pernas grossas e bonitas; poderá despir

ou vestir o braço, nada disso a torna mais sedutora. A beleza do espírito é tudo na mulher.

A moda passou a fazer parte da vida social, enquanto a cidade de São Luís tentava acompanhar em termos de moda, hábitos, urbanização e modernização, os passos do Rio de Janeiro, São Paulo e também da França e Estados Unidos, já que a elite sempre buscava formas de distanciar-se de outros segmentos sociais, bem como mostrar o seu refinamento.

Através das mudanças ocorridas de padrões estabelecidos no século XIX para o século XX, é possível perceber que o cenário urbano propiciava para homens e mulheres novos espaços de sociabilidade. No entanto, para as mulheres da elite, que passaram a ter mais contato com o espaço público, era necessário mostrar roupas que não desconstruísse sua moralidade, elegância no modo de andar e falar, a sedução através dos artifícios da beleza, o que era ideal para conseguir um bom casamento e status social.

Segundo Abrantes (2012), “a moda ajudava a expressar as diferentes distinções e hierarquizações presentes na sociedade, tanto de classe como de gênero”. Além disso, a identificação de indivíduos que pertenciam à elite, era feita também através do refinamento e da etiqueta, fatores importantes que marcavam o distanciamento e a condição social.

Todavia, o consumo também permite a análise acerca da aceitação na sociedade, na medida em que as relações que oferecem privilégio são construídas a partir do momento em que se tornava possível, enxergar no outro uma forma de atrair novas relações e afirmar o pertencimento à determinado grupo social.

Portanto, os espaços construídos com a alteração da vida devido à modernização da cidade, possibilitaram maior envolvimento entre os membros da elite, que por meio do divertimento, e das novidades, ampliava suas relações e ainda buscava estratégias para manter suas riquezas, e ao mesmo tempo, aparentar estar a par dos recursos oferecidos pela modernização.

O ambiente social da cidade de São Luís estava estruturado a partir de modas inspiradas nos padrões europeus e americanos de comportamento, vestimentas e hábitos, que eram apresentados pela parcela de população com melhores condições econômicas, com a intenção de buscar distinção através do bom gosto e principalmente, da aparência.

O estudo sobre modos, modas e aparência como aspecto de distinção social, permite compreender como as transformações da modernização influenciaram a emancipação feminina, que através das vestimentas e hábitos remodelou sua presença e sua aparência, tanto em ambiente privado quanto em ambiente público.

As novidades que surgiram devido à alteração do estilo de vida, provocadas pelas transformações urbanas e de beleza, possibilitaram maior envolvimento de indivíduos do mesmo segmento sócio econômico, em especial, a classes abastadas economicamente, que expandiram a busca por elementos que demonstrassem a riqueza e o refinamento, inclusive no ambiente de lazer.

A beleza, uma das estratégias femininas para alcançar a emancipação, se tornou uma espécie de capital simbólico, pois marcava a condição social, a jovialidade e o bom gosto, fatores importantes no momento em que as relações sociais poderiam oferecer privilégios, além de acentuar o estreitamento político e econômico.

A análise dos modos e da aparência permite compreender a influência das transformações na vida urbana, que construiu novas relações e meios de distinções, proporcionando estreitamento com a valorização do cotidiano, costumes e o diálogo entre os papéis sociais através da modelação da identidade. Por isso, a importância da memória presente no processo histórico na cidade de São Luís, bem como os discursos e práticas que permitem o entendimento das relações política, social e econômica, que ajudavam a expressar diferentes distinções e hierarquizações presentes na sociedade.

A partir desse ponto de vista, pode-se relacionar a memória e a identidade como fatores essenciais para entender as singularidades das relações sociais e as expressões de individualidade e aparência, associados à organização da sociedade.

Dessa forma, a memória e a identidade constituem problemáticas presentes no ofício do historiador, nos mais diversos estudos de fontes. Os valores morais, as transformações, a exibição do corpo, são aspectos que alimentam a investigação, visto que cada informação foi produzida dentro de um contexto coletivo, mas também por discursos e relações pessoais, que introduzem ou bloqueiam os acontecimentos em lembranças ou esquecimento. Portanto, buscase entender as ramificações que a história social construiu dentro das relações pessoais, entre grupos e os meios de distanciamento entre classes, a partir dos marcos da memória, das características e interesses das identidades e a moda como expressão de beleza e representações.

Referências Bibliográficas

Fontes, p.

A PACOTILHA. Suplemento Semanal Ilustrado. 17 a 26 de outubro de 1926.

DIÁRIO DE SÃO LUÍZ. São Luís, 21 de outubro de 1920.

DIÁRIO DE SÃO LUÍZ. São Luís, 22 de fevereiro de 1921.

DIÁRIO DE SÃO LUÍZ. São Luís, 23 de fevereiro de 1921.

Bibliografia:

ABRANTES, Elizabeth Sousa. *O Dote é a Moça Educada: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República*. São Luís: EDUEMA, 2012.

CALANCA, Daniela. *História Social da Moda*. 2 ed. São Paulo: Editora Senac, 2011.

DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Modos de homem e modas de mulher*. 2 ed. rev. São Paulo: Global, 2009.

FOGG, Marnie. *Tudo sobre moda*. Rio de Janeiro: Sextante, 2013

GODART, Frédéric. *Sociologia da moda*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

MATTOS, Maria de Fátima da S. Costa G de. “Moda, imagem e representação”. In: BONADIO; MATTOS (Org.). *História e Cultura de Moda*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

NASCIMENTO, João Affonso do. *Três séculos de modas, p. 1616-1916*. 3.ed. São Luís: Instituto Geia, 2014.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. “É possível realizar uma história do corpo?”. In: SOARES; Carmen Lúcia. *Corpo e História*. 3ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempo, 1999.

SILVA, Camila Ferreira Santos. *A mulher deve ser bela, deve ter graças e encantos: educação de salão na São Luís republicana (1890-1920)*. Dissertação de Mestrado em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2011.

XIMENES, Maria Alice. *Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2011.